

# *Prevalência da homofobia entre alunos da Universidade de Pernambuco em 2012*

*Prevalence of homophobia among students of the University of Pernambuco in 2012*

**Victor Emmanuel Fernandes Apolônio dos Santos**

**Ulrich Vasconcelos**

**Melissa Negro-Dellacqua**

**Kedma de Magalhães Lima**

**Luis Oscar Cardoso Ferreira**

## **RESUMO**

A sexualidade é parte integral da personalidade do ser humano. A discussão no campo institucional das questões relacionadas com a sexualidade torna-se evidente quando da inserção da educação sexual como um tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a implantação do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos e a criação do Programa Federal “Brasil sem Homofobia”. Sendo assim, a universidade, enquanto espaço simbólico de poder denuncia certa fragilidade em seu diálogo, já que muitas vezes exclui da sua pauta conversações sobre outras sexualidades. O estudo visa identificar a homofobia e sua associação com fatores socioeconômicos, demográficos e acadêmicos entre discentes da Universidade de Pernambuco. O estudo realizado foi de cunho epidemiológico, descritivo, observacional de base quantitativa com dados primários. A amostra foi composta por 1.035 discentes, sendo a maioria do sexo masculino e com faixa etária maior que 20 anos. Os participantes representaram os cursos de Medicina (38,3%), de Educação Física (36,6%) e Enfermagem (25%). Com relação à homofobia, 168 (16,2%) foram classificados como fanáticos, 251 (24,3%) como sutis, 569 (55,0%) como igualitários e 47 (4,5%) não foram classificados (dúbios) por apresentar homofobia explícita e não apresentar homofobia implícita. O estudo mostrou que o fenômeno da homofobia dentro da universidade enquanto ato, depende da presença de algumas variáveis importantes, tais como: idade, sexo, contato íntimo e duradouro com homossexuais, curso de estudos seguidos e religião. Com estes dados, gestores, professores e alunos possuem informações que subsidiam ações para implementar e trabalhar o respeito dentro das instituições.

**Palavras-chave:** Homofobia. Epidemiologia. Universidade.

## **ABSTRACT**

Sexuality is a relevant part of human personality. Institutional discussion on sexuality becomes relevant as sexual education is included as a transversal theme in national curricular parameters, a national plan of education in human rights is created and a Brazilian federal program “Brazil without homophobia” is created. Universities, as symbolic places of power, show weakness of dialogue on these themes. Often conversations on sexualities are excluded from the themes of discussion. The study aims to identify homophobia among students of the University of Pernambuco and its association with social, economics, demographic and academic aspects. The study was Epidemiological, descriptive, observational study with primary data. The studied population was composed of 1.035 students. Most of the students were male, more than 20 years old. The population of study represented the courses of medicine (38.3%), Physical education (36.6%) and Nursing (25%). 168 students (16.2%) were classified as fanatic homophobic; 251 were classified as subtle (55.0%) and 47 (4.5%) could not be classified, as they showed explicit homophobia but not implicit homophobia. Homophobia inside the university environment depends on the presence of some

important variables such as age, sex, intimate and lasting contact with homosexuals, followed course and religion. With this data managers, professors and students have informations that can help developing actions to improve the respect inside universities.

**Key words:** Homophobia. Epidemiology. University.

## INTRODUÇÃO

A sexualidade é parte integral da personalidade do ser humano, construída enquanto uma interação entre os indivíduos e as estruturas sociais as quais estes estão inseridos (LIONÇO; DINIZ 2008). Transcende os estreitos limites do ato sexual, envolve processos profundamente culturais e plurais (LOURO, 2007).

Neste contexto, a heterossexualidade é predominantemente tida como o padrão normal e saudável da sexualidade, sendo a homossexualidade considerada um modelo desviante e patológico, algo que precisa ser entendido, prevenido e controlado. Assim, na medida em que se tenta catalogar os ‘anormais’ e tratá-los enquanto ‘condição médica’ surgem estigmas, preconceitos e processos de exclusão que irão perpetuar o caráter marginal destes indivíduos (FOUCAULT, 1988). A sexualidade passa, então, a representar um aparato histórico que se desenvolveu como parte de uma rede complexa de regulação social com vistas a organizar e modelar (policar) os corpos e os comportamentos da população (WEEKS, 2009).

Mas recente que a homossexualidade, a homofobia, apareceria em seus primeiros registros na década de 70 do século XX, devendo seu nascimento a um neologismo que uniu o prefixo ‘homo’, que em grego significa ‘o mesmo’ ou na raiz latina ‘homem’, com o sufixo ‘fobos’ que significa em grego, aversão ou repulsa. Portanto, de sua raiz latina, homofobia é literalmente ‘aversão ou repulsa ao homem’ e do grego ‘Repulsa aos iguais, aos semelhantes’ (CORNEJO, 2011; HEREK, 2004).

O termo homofobia tem seu surgimento atribuído ao psiquiatra K. T. Smith, que em um trabalho publicado em 1971, “*Homophobia: a tentative personality profile*”, onde o autor tenta traçar uma análise da personalidade homofóbica (HEREK, 2004). Houve neste período de nascimento do termo, um enfoque na característica fóbica ou psicológica da

homofobia e a ausência da inclusão e discussão do impacto da naturalização social da heterossexualidade que oferece subsídios para a heteronormatividade da organização social e respalda a homofobia na seara social (CORNEJO, 2011; LIONÇO e DINIZ, 2008).

A discussão no campo institucional acerca das questões relacionadas com a sexualidade tornou-se evidente quando da inserção da educação sexual como um tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a implantação do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos e a criação do programa federal “Brasil sem Homofobia”, o qual tem por objetivo promover a cidadania homossexual e atuar de forma efetiva contra a violência e discriminação a população LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) (LIONÇO e DINIZ, 2008; BORGES e MEYER, 2008; VIANNA e DINIZ, 2008).

Na contramão deste esforço de desnaturalização do gênero/sexualidade/sexo, a universidade se configura enquanto espaço simbólico de poder, que denuncia certa fragilidade em seu diálogo, já que ocorre neste ambiente a construção e perpetuação de construtos heterossexistas, que muitas vezes torna excludente da sua pauta as conversações sobre outras sexualidades, perpetuando na sala de aula o caráter dicotômico sexual do ser humano, neutralizando quaisquer demandas que possam perturbar a ordem sexista e incitar professores e gestores a repensar a formação dos seus alunos às práticas de saúde acolhedoras às homossexualidades (POCARHY e NARDY, 2007). Neste sentido, o objetivo deste estudo foi identificar a homofobia e sua associação com fatores socioeconômicos, demográficos e acadêmicos entre discentes da Universidade de Pernambuco (UPE).

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de cunho epidemiológico, descritivo, observacional de base quantitativa com dados primários. O desenho utilizado foi do tipo seccional cujo objetivo foi coletar informações através da observação de uma quantidade de indivíduos planejada em uma única oportunidade com o propósito de investigar a ocorrência

(prevalência) de características destes indivíduos, sejam elas relacionadas com as exposições ou com as consequências (KLEIN e BLOCH, 2009).

A população foi composta por 1.035 acadêmicos que trabalham com práticas de saúde da Universidade de Pernambuco, contemplando os cursos de Educação Física, Enfermagem e Medicina do *campus* de Santo Amaro, Recife, Brasil, excetuando-se os estágios supervisionados pela dificuldade de encontrar os estudantes em campo de estágio. Como instrumento de coleta, foi utilizado um questionário estruturado, inicialmente abordando aspectos socioeconômico e acadêmico, sendo contemplado com 17 questões com a utilização da Escala de Homofobia Implícita e Explícita desenvolvida e validada por Castillo et al. (2003) tendo como base uma escala desenvolvida anteriormente por Pettigrew e Meertens (1995) para avaliação do racismo, sendo validada no Brasil pela Universidade Federal da Paraíba.

A escala é do tipo Likert composta por 07 pontos, compondo de 01 (discordo totalmente) a 07 (concordo totalmente). Não existe o item 04 para evitar a tendência neutra nas respostas. Neste caso, os valores situados abaixo da média são considerados baixos (indicando baixo valor de homofobia), e valores acima serão considerados altos (indicando alto valor de homofobia).

Nesta análise, foi avaliado o surgimento de três tipos de populações sugeridos por Castillo (2003) e descritas como *igualitários* (pessoas cujos resultados apresentaram valores abaixo de quatro, tanto nas questões de homofobia explícitas quanto nas implícitas); os *implícitos* ou *sutis* (pessoas cujos resultados obtidos se encontraram abaixo do valor quatro nos quesitos de homofobia explícita, e alto valor nos quesitos de homofobia implícita); os *fanáticos* ou *explícitos* (valor alto nos quesitos de homofobia explícita e implícita).

Para análise dos dados foram obtidas distribuições absolutas e percentuais, uni, bi e multivariadas e as medidas estatísticas: média (desvio padrão) e mediana (técnicas de estatística descritiva). Foram utilizadas técnicas de estatística inferencial através dos testes: t-Student com variâncias iguais ou desiguais, F (ANOVA) com comparações de Tukey quando foi verificada a hipótese de igualdade de variâncias; Tamhane quando a

hipótese foi rejeitada; Qui-quadrado de Pearson ou o teste Exato de Fisher quando as condições para utilização do teste Qui-quadrado não foram verificadas. Ressalta-se que a verificação da hipótese de igualdade de variâncias foi realizada através do teste F de Levene. A margem de erro utilizada nas decisões dos testes estatísticos foi de 5%. O programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) na versão 17.0 foi utilizado para a obtenção dos cálculos estatísticos.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Pernambuco sob o registro nº 0149.0.097.000-1. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## RESULTADOS

A amostra foi composta por 1.035 discentes, sendo a maioria do sexo masculino e com faixa etária maior que 20 anos. Os participantes representaram os cursos de Medicina (38,3%), de Educação Física (36,6%) e Enfermagem (25%). Com relação à homofobia, 168 (16,2%) foram classificados como fanáticos; 251 (24,3%) como sutis; 569 (55,0%) como igualitários e 47 (4,5%) não foram classificados (dúbios) por apresentar homofobia explícita e não apresenta homofobia implícita.

As condições fanáticos e sutis de homofobia atingiram maior percentual nas características amostrais: jovens (menores de 20 anos), sexo masculino e heterossexuais. Sendo importante ressaltar que dos 27 homossexuais participante, nenhum foi catalogado como fanático e quatro contabilizaram a condição sutil, atingindo 14%. Comparando as condições mencionadas anteriormente com a homofobia igualitária, observar-se uma inversão das características amostrais. (tabela 01). Analisando o quesito religião, nas condições de homofobia fanática e sutil, os religiosos atingiram os percentuais mais elevados. Dentre as religiões, a evangélica atingiu os valores mais altos (28,7%). Em contrapartida, os igualitários foram mais presentes nos não-religiosos (66,9%) e entre os religiosos, os espíritas apresentaram maior percentual (70,5%) (Tabela 1). Não

houve diferença significativa em relação à divisão por classes sociais (dados não mostrados).

**Tabela 1:** Condição dos alunos em relação à homofobia segundo características de orientação sexual, fatores socioeconômicos e demográficos de cursos de saúde da Universidade de Pernambuco, Recife, 2012.

Características	Condição em relação à homofobia						TOTAL		Valor de p
	Fanáticos		Sutis		Iguais		N	%	
	N	%	N	%	N	%			
<b>Faixa etária</b>									
Menor que 20	53	18,3	81	28,0	155	53,6	289	100,0	p <sup>(1)</sup> = 0,266
20 ou mais	115	16,5	170	24,3	414	59,2	699	100,0	
<b>Grupo Total</b>	<b>168</b>	<b>17,0</b>	<b>251</b>	<b>25,4</b>	<b>569</b>	<b>57,6</b>	<b>988</b>	<b>100,0</b>	
<b>Sexo</b>									
Masculino	93	26,1	116	32,5	148	41,5	357	100,0	p <sup>(1)</sup> < 0,001*
Feminino	75	11,9	135	21,4	420	66,7	630	100,0	
<b>Grupo Total</b>	<b>168</b>	<b>17,0</b>	<b>251</b>	<b>25,4</b>	<b>568</b>	<b>57,5</b>	<b>987</b>	<b>100,0</b>	
<b>Orientação sexual</b>									
Heterossexual	167	17,5	247	25,9	540	56,6	954	100,0	p <sup>(1)</sup> = 0,008*
Homossexual	-	-	4	14,8	23	85,2	27	100,0	
<b>Grupo Total</b>	<b>167</b>	<b>17,0</b>	<b>251</b>	<b>25,6</b>	<b>563</b>	<b>57,4</b>	<b>981</b>	<b>100,0</b>	
<b>Raça/ Cor</b>									
Branco	76	15,9	122	25,5	281	58,7	479	100,0	p <sup>(1)</sup> = 0,643
Não branco	91	18,1	128	25,4	285	56,5	504	100,0	
<b>Grupo Total</b>	<b>167</b>	<b>17,0</b>	<b>250</b>	<b>25,4</b>	<b>566</b>	<b>57,6</b>	<b>983</b>	<b>100,0</b>	
<b>Religião</b>									
Sim	151	18,1	217	26,0	466	55,9	834	100,0	p <sup>(1)</sup> = 0,025*
Não	17	11,0	34	22,1	103	66,9	154	100,0	
<b>Grupo Total</b>	<b>168</b>	<b>17,0</b>	<b>251</b>	<b>25,4</b>	<b>569</b>	<b>57,6</b>	<b>988</b>	<b>100,0</b>	
<b>Qual religião</b>									
Católica	88	15,9	135	24,3	332	59,8	555	100,0	p <sup>(1)</sup> < 0,001*
Evangélica	49	28,7	58	33,9	64	37,4	171	100,0	
Espírita	9	10,2	17	19,3	62	70,5	88	100,0	
Outra	4	22,2	7	38,9	7	38,9	18	100,0	
<b>Grupo Total</b>	<b>150</b>	<b>18,0</b>	<b>217</b>	<b>26,1</b>	<b>465</b>	<b>55,9</b>	<b>832</b>	<b>100,0</b>	
<b>Com quem mora?</b>									
Parentes (pais/irmãos)	141	17,2	209	25,5	469	57,3	819	100,0	p <sup>(1)</sup> = 0,887
Outro (colegas)	27	16,0	42	24,9	100	59,2	169	100,0	
<b>Grupo Total</b>	<b>168</b>	<b>17,0</b>	<b>251</b>	<b>25,4</b>	<b>569</b>	<b>57,6</b>	<b>988</b>	<b>100,0</b>	

(\*): Diferença significativa ao nível de 5,0%. (1): Através do teste Qui-quadrado de Pearson.

Na tabela 2, foi realizada a Razão de Prevalência (RP), a partir do agrupamento dos discentes homofóbicos (fanáticos e sutis) comparando-os com a condição de igualitários. A homofobia prevaleceu na amostra com características: sexo masculino e heterossexual; dentre os religiosos, os evangélicos. Não houve diferença significativa em relação à divisão por classes sociais (dados não mostrados).

**Tabela 2:** Razão de prevalência (RP) a partir do agrupamento dos discentes homofóbicos (fanáticos e sutis) em comparação com os igualitários dos discentes de cursos de saúde da Universidade de Pernambuco, Recife, 2012.

Característica	Condição em relação à homofobia				TOTAL	Valor de p	RP (IC a 95%)
	Fanáticos/ Sutis		Igualitários				
	N	%	N	%			
<b>Faixa etária</b>							
Menor que 20	134	46,4	155	53,6	289	100,0	p <sup>(1)</sup> = 0,106
20 ou mais	285	40,8	414	59,2	699	100,0	
<b>Grupo Total</b>	<b>419</b>	<b>42,4</b>	<b>569</b>	<b>57,6</b>	<b>988</b>	<b>100,0</b>	1,14 (0,98 a 1,32)
<b>Sexo</b>							
Masculino	209	58,5	148	41,5	357	100,0	p <sup>(1)</sup> < 0,001*
Feminino	210	33,3	420	66,7	630	100,0	
<b>Grupo Total</b>	<b>419</b>	<b>42,5</b>	<b>568</b>	<b>57,5</b>	<b>987</b>	<b>100,0</b>	1,76 (1,53 a 2,02)
<b>Orientação sexual</b>							
Heterossexual	414	43,4	540	56,6	954	100,0	p <sup>(1)</sup> = 0,003*
Homossexual	4	14,8	23	85,2	27	100,0	
<b>Grupo Total</b>	<b>418</b>	<b>42,6</b>	<b>563</b>	<b>57,4</b>	<b>981</b>	<b>100,0</b>	2,93 (1,18 a 7,26)
<b>Raça/ Cor</b>							
Branco	198	41,3	281	58,7	479	100,0	p <sup>(1)</sup> = 0,502
Não branco	219	43,5	285	56,5	504	100,0	
<b>Grupo Total</b>	<b>417</b>	<b>42,4</b>	<b>566</b>	<b>57,6</b>	<b>983</b>	<b>100,0</b>	1,05 (0,91 a 1,22)
<b>Religião</b>							
Sim	368	44,1	466	55,9	834	100,0	p <sup>(1)</sup> = 0,011*
Não	51	33,1	103	66,9	154	100,0	
<b>Grupo Total</b>	<b>419</b>	<b>42,4</b>	<b>569</b>	<b>57,6</b>	<b>988</b>	<b>100,0</b>	1,33 (1,05 a 1,69)
<b>Qual religião</b>							

Prevalência da homofobia entre alunos da Universidade de Pernambuco em 2012

Espírita	26	29,5	62	70,5	88	100,0	$p^{(1)} < 0,001^*$	1,00
Católica	223	40,2	332	59,8	555	100,0		1,36 (0,97 a 1,91)
Evangélica	107	62,6	64	37,4	171	100,0		2,12 (1,50 a 2,98)
Outra	11	61,1	7	38,9	18	100,0		2,07 (1,27 a 3,38)
<b>Grupo Total</b>	<b>367</b>	<b>44,1</b>	<b>465</b>	<b>55,9</b>	<b>832</b>	<b>100,0</b>		
<b>Com quem mora?</b>								
Parentes (pais/irmãos)	350	42,7	469	57,3	819	100,0	$p^{(1)} = 0,648$	1,05 (0,86 a 1,28)
Outro (colegas)	69	40,8	100	59,2	169	100,0		1,00
<b>Grupo Total</b>	<b>419</b>	<b>42,4</b>	<b>569</b>	<b>57,6</b>	<b>988</b>	<b>100,0</b>		

(\*): Diferença significativa ao nível de 5,0%. (1): Através do teste Qui-quadrado de Pearson.

Na tabela a seguir, verifica-se uma associação significativa, entre o grau de homofobia e as variáveis: curso, período cursado, história de homossexualidade na família, identificação de homossexualidade na sala de aula. O curso de Educação Física alcançou o maior nível percentual nas condições de homofobia fanática e sutil, na igualitária se destacou os acadêmicos de medicina. Destaca-se o fato dos sujeitos que possuíam histórico de homossexualidade na família alcançaram o menor nível de homofobia.

**Tabela 3:** Homofobia segundo os dados acadêmicos, história de homossexualidade na família, identificação de homossexuais na turma dos discentes de cursos de saúde da Universidade de Pernambuco, Recife, 2012.

Característica	Condição em relação à homofobia						TOTAL		Valor de p
	Fanáticos		Sutis		Igualitários				
	N	%	N	%	N	%	N	%	
<b>Grupo Total</b>	<b>168</b>	<b>17,0</b>	<b>251</b>	<b>25,4</b>	<b>569</b>	<b>57,6</b>	<b>988</b>	<b>100,0</b>	
<b>Curso</b>									
Educação física	65	18,0	111	30,7	186	51,4	362	100,0	$p^{(1)} = 0,021^*$
Enfermagem	40	16,2	61	24,7	146	59,1	247	100,0	
Medicina	63	16,6	79	20,8	237	62,5	379	100,0	
<b>Período cursado</b>									
1º a 2º	59	17,9	95	28,9	175	53,2	329	100,0	$p^{(1)} = 0,018^*$
3º a 4º	38	14,2	76	28,4	154	57,5	268	100,0	
5º a 6º	47	21,4	48	21,8	125	56,8	220	100,0	



7 <sup>a</sup> a 8 <sup>a</sup>	24	14,0	32	18,7	115	67,3	171	100,0
<b>Possui história de homossexualidade na família?</b>								
								p(1) < 0,001*
Sim	39	10,4	88	23,4	249	66,2	376	100,0
Não	94	20,6	133	29,2	229	50,2	456	100,0
Não sabe	35	22,4	30	19,2	91	58,3	156	100,0
<b>Grupo Total</b>	<b>168</b>	<b>17,0</b>	<b>251</b>	<b>25,4</b>	<b>569</b>	<b>57,6</b>	<b>988</b>	<b>100,0</b>
<b>Parentes homossexuais em 1º grau?</b>								
								p(1) = 0,212
Sim	-	-	7	29,2	17	70,8	24	100,0
Não	39	11,1	81	23,0	232	65,9	352	100,0
<b>Grupo Total</b>	<b>39</b>	<b>10,4</b>	<b>88</b>	<b>23,4</b>	<b>249</b>	<b>66,2</b>	<b>376</b>	<b>100,0</b>
<b>Identifica homossexuais em sala de aula?</b>								
								p(1) = 0,005*
Sim	101	16,0	143	22,7	387	61,3	631	100,0
Não	67	18,8	108	30,3	182	51,0	357	100,0
<b>Grupo Total</b>	<b>168</b>	<b>17,0</b>	<b>251</b>	<b>25,4</b>	<b>569</b>	<b>57,6</b>	<b>988</b>	<b>100,0</b>

(\*): Diferença significativa ao nível de 5,0%. (1): Através do teste Qui-quadrado de Pearson.

Na Tabela 4 foram agrupados os alunos fanáticos e sutis e comparados aos alunos igualitários para observar mediante a Razão de Prevalência (RP) as características que seriam prevalentes nos universitários homofóbicos. Houve valor significativo para o curso de Educação Física e para aqueles que não possuíam história de homossexualidade na família.

**Tabela 4:** Razão de prevalência (RP) a partir do agrupamento dos discentes homofóbicos (fanáticos e sutis) em comparação com os igualitários segundo os dados acadêmicos, história de homossexualidade na família, identificação de homossexuais na turma dos discentes de cursos de saúde da Universidade de Pernambuco, Recife, 2012.

Característica	Condição em relação à homofobia				TOTAL		Valor de p	RP (IC a 95%)
	Fanáticos/ Sútis		Igualitários		n	%		
	N	%	N	%				

Prevalência da homofobia entre alunos da Universidade de Pernambuco em 2012

<b>Curso</b>								
Educação física	176	48,6	186	51,4	362	100,0	p <sup>(1)</sup> = 0,008*	1,30 (1,10 a 1,53)
Enfermagem	101	40,9	146	59,1	247	100,0		
Medicina	142	37,5	237	62,5	379	100,0		
<b>Grupo Total</b>	<b>419</b>	<b>42,4</b>	<b>569</b>	<b>57,6</b>	<b>988</b>	<b>100,0</b>		
<b>Período cursado</b>								
1 <sup>o</sup> a 2 <sup>o</sup>	154	46,8	175	53,2	329	100,0	p <sup>(1)</sup> = 0,027*	1,43 (1,12 a 1,82)
3 <sup>o</sup> a 4 <sup>o</sup>	114	42,5	154	57,5	268	100,0		
5 <sup>o</sup> a 6 <sup>o</sup>	95	43,2	125	56,8	220	100,0		
7 <sup>o</sup> a 8 <sup>o</sup>	56	32,7	115	67,3	171	100,0		
<b>Grupo Total</b>	<b>419</b>	<b>42,4</b>	<b>569</b>	<b>57,6</b>	<b>988</b>	<b>100,0</b>		
<b>Possui história de Homossexualidade na Família?</b>								
Sim	127	33,8	249	66,2	376	100,0	p(1) < 0,001*	1,00
Não	227	49,8	229	50,2	456	100,0		
Não sabe	65	41,7	91	58,3	156	100,0		
<b>Grupo Total</b>	<b>419</b>	<b>42,4</b>	<b>569</b>	<b>57,6</b>	<b>988</b>	<b>100,0</b>		
<b>Parentes homossexuais em 1<sup>o</sup> grau</b>								
Sim	7	29,2	17	70,8	24	100,0	p(1) = 0,622	1,00
Não	120	34,1	232	65,9	352	100,0		
<b>Grupo Total</b>	<b>127</b>	<b>33,8</b>	<b>249</b>	<b>66,2</b>	<b>376</b>	<b>100,0</b>		
<b>Identifica homossexuais em sala de aula?</b>								
Um	67	36,2	118	63,8	185	100,0	p(1) = 0,322	1,00
Dois	61	37,0	104	63,0	165	100,0		
3 a 4	52	36,1	92	63,9	144	100,0		
5 ou mais	37	47,4	41	52,6	78	100,0		
<b>Grupo Total</b>	<b>217</b>	<b>37,9</b>	<b>355</b>	<b>62,1</b>	<b>572</b>	<b>100,0</b>		

(\*): Diferença significativa ao nível de 5,0%.

(1): Através do teste Qui-quadrado de Pearson

## DISCUSSÃO

Em relação ao sexo, os homens apresentaram os mais altos percentuais em homofobia fanática e sutil. Em oposição, entre os igualitários, as mulheres possuem um percentual bem mais elevado. As diferenças entre os sexos encontradas dentro da UPE é um resultado esperado que não surpreende e reflete a realidade observada em outros estudos semelhantes que avaliaram homofobia e tiveram enquanto variável o sexo dos sujeitos (VENTURI *et al.*, 2011; MARINHO *et al.*, 2004; CASTILLO *et al.*, 2003; PRADO; RIBEIRO, 2016).

Borrillo (2010) revela que a homofobia é uma forma de afirmação da heterossexualidade, uma vez que esta representa o antagonismo à homossexualidade. A aversão aos gays representa uma das mais importantes formas de afirmar a virilidade masculina. A representação do homem verdadeiro deve ser a de uma pessoa estúpida não só em relação aos homossexuais, mas também em relação às mulheres, com o intuito de frisar as diferenças entre os gêneros, portanto, supõe-se uma maior rejeição aos homossexuais entre os homens.

Na análise dos resultados foi detectado um alto valor de homofóbicos entre os discentes da universidade pesquisada: 40,5% dos alunos. Entre os homofóbicos, os sutis, configuram-se num grupo de indivíduos que apesar da atitude mais tolerante frente a estas pessoas, mantém perpetuado o discurso de que a aceitação das homossexualidades ainda ocorre mediante a manutenção social de uma posição marginal e silenciosa, que é aceita apenas quando permanece na esfera íntima das relações homoafetivas, porém, tornando-se inadmissível quando passa a reivindicar publicamente a equivalência à heterossexualidade.

Esse processo deve ser refletido e compreendido para não ocorrer uma distorção da palavra ‘implícita’ ou ‘sutil’ quando associada à homofobia, aproximando-a de uma percepção controversa ligada à diminuição ou declínio no preconceito sofrido pela população LGBTT. Ao contrário disto, percebe-se que a homofobia sutil é ainda mais danosa em seu espectro e alcance social, pois, ao perpassar a esfera política, impede o reconhecimento dos direitos dos homossexuais, ridiculariza qualquer ação de cunho afirmativo, impede diálogos pautados na ciência e no discernimento dos teóricos,

políticos e ativistas e define as demandas destes atores em algo esdrúxulo, secundário e contra Deus, a moral e a ordem (BORRILLO, 2010).

Dentre os homofóbicos, os discentes fanáticos (16,2%) merecem destaque: são àqueles que apresentam tendência a demonstrar antipatia, sentida ou expressada, direcionada para um indivíduo ou grupo, tendo como subsídio generalizações errôneas e inflexíveis (BORRILLO, 2010; MARINHO *et al.*, 2004). Cabe ressaltar que a universidade não tem o mero papel de formação técnica, devendo ser compreendida como um espaço profícuo de discussões e reflexões críticas sobre a realidade social. Então, torna-se preocupante a evidência de alta prevalência de homofóbicos fanáticos dentre estudantes de cursos de saúde.

A postura de repulsa da sociedade perante a diversidade sexual está ligada a valores morais, que em sua maioria está fundamentada na religião. No presente estudo, a religião apresentou uma associação significativa, os religiosos apresentaram 1,33 vezes mais homofóbicos do que os não-religiosos. Entre as religiões analisadas, a evangélica foi a segunda característica amostral que mais prevaleceu nos homofóbicos, ficando apenas abaixo da orientação sexual (heterossexual).

Vários posicionamentos estão presentes na relação entre diversidade sexual e religião. Existem grupos religiosos que aceitam em suas doutrinas a homossexualidade (como as afro-brasileiras) em contrapartida, discursos católicos e evangélicos negam essa prática, caracterizando-a como pecado. Oliveira *et al.* (2016) relata que líderes políticos e religiosos contrários às políticas públicas educacionais de combate à homofobia permeiam os seus discursos em questões morais, pseudocientíficas, culturais e religiosas que sustentam a heteronormatividade. É preciso considerar que ainda existem os movimentos minoritários recentes e inovadores nas igrejas cristãs, onde recriam a imagem da homossexualidade, considerando-o como uma bênção de Deus (NATIVIDADE e OLIVEIRA, 2013).

Um estudo correlacional realizado com seminaristas católicos e evangélicos, com o intuito de analisar as relações preconceituosas, observou que os evangélicos exprimem o

seu preconceito de forma mais flagrante do que os católicos, que são mais sutis (PEREIRA, 2011).

Em relação aos cursos estudados detectou-se que os alunos de Educação Física são os que apresentaram o maior número de sujeitos homofóbicos fanáticos (18%). Entre os alunos de Medicina encontram-se os indivíduos mais igualitários (62,5%).

Em relação aos alunos de Educação Física, um estudo realizado por Maurer-Starks; Clemons, Whalen (2008) evidenciou um alto nível de homofobia entre professores, alunos e atletas nas academias e no esporte de alto nível, especialmente estimulado pela crença num modelo de masculinidade e virilidade sempre associado às práticas esportivas, especialmente às de combate e contato físico (SILVA; BOTELHO-GOMES; GOELLNER, 2008). Muitos homens gays e bissexuais passam a esconder a sua sexualidade como meio de sobreviver dentro de um ambiente esportivo hostil e que espera destes, força e poder. Inclusive alguns atletas homossexuais acabam aderindo aos esportes de impacto e violência como forma de externalizarem uma imagem masculina potencializada e distanciada de qualquer coisa que lembre feminilidade e fraqueza (MAURER-STARKS; CLEMONS; WHALEN, 2008).

Em contrapartida as atletas do sexo feminino encontram-se num particular paradoxo esportivo envolvendo papéis de gênero. Por um lado, as mulheres se inserem num mundo que é inerentemente povoado por homens. Por outro, estão envoltas numa cultura maior que socialmente celebra a feminilidade como a qualidade ideal de uma mulher. Das atletas espera-se que sejam competitivas e fisicamente excelentes enquanto conservam a sua feminilidade (MAURER-STARKS; CLEMONS; WHALEN, 2008; SILVA; BOTELHO-GOMES; GOELLNER, 2008). Correia et al. (2016) mostra que o discurso de discentes quando questionados sobre a diferença de sexo e de gênero explicita que as diferenças são irrelevantes quando as atividades não exigem competitividade e habilidades específicas, mas quando envolvem esporte e competição as mesmas adquirem conotações distintas: *“Com atleta [...] Entre homem e mulher, é diferente. A mulher, ela tem uma evolução menor”*.

Assim, estas mulheres devem equilibrar lados entre ‘ser demasiadamente masculina’ e ainda ‘serem competitivas como os homens’. Estas atletas aprendem rapidamente que enfrentam críticas quando não aderam à noção ocidental dos papéis de gênero, em que ser percebida como uma mulher feminina equivale à aceitação, valorização e respeito, e ser percebida enquanto uma mulher masculina equivale ao desvio social e lesbianismo (MAURER-STARKS; CLEMONS; WHALEN, 2008).

Outro estudo envolvendo homofobia entre os estudantes de educação física revela que a convivência com pessoas homossexuais só é possível em situações inevitáveis, como no espaço de trabalho (LIMA, 2008). Prado et al. (2016) relata que as práticas pedagógicas da Educação Física podem contribuir para reforçar as desigualdades sociais baseadas nos gêneros quando conflitos que surgem durante as aulas deixam de ser problematizados.

Em relação aos alunos que possuem homossexuais na família, o escore tanto de homofobia explícita quanto implícita foram mais baixos. Este dado corrobora com uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo que avaliou Homofobia versus Grau de convívio com LGBTT e evidenciou que quanto maior o contato íntimo com homossexuais menos homofóbicos tendem a ser os indivíduos: No quesito “ter contato social com LGBTT” (80% não são homofóbicos); No quesito “Ter amizade com LGBTT (87% não são homofóbicos); No quesito “Ter LGBTT na família (84% não foram homofóbicos).

Estes dados sobre contato íntimo com pessoas homossexuais está de acordo com Nansel et al. (2001) ao afirmar que o contato e o ‘conhecer’ o outro, o homossexual, é uma ferramenta importante na diminuição dos preconceitos. Borrilo (2010) concorda que a falta de informação e as distorções associadas à homossexualidade na mídia é um instrumento potencializador dos atos discriminatórios. Quando o homossexual deixa de ser ‘estranho’ e ‘bizarro’ para a sociedade, ele passa a ser visto como algo naturalizado (CERQUEIRA-SANTOS et al., 2008; NANSEL et al., 2001).

## CONCLUSÕES

A educação é uma das principais ferramentas para o desenvolvimento de uma nação e a universidade é o local por excelência onde ocorrem os processos que convergem na formação do sujeito-cidadão, o qual se insere na sociedade como o principal ator na transformação de um país, tendo como princípio básico o respeito à liberdade. Contudo, ao analisar os resultados desta pesquisa constatamos que a universidade reflete em si as forças hegemônicas que operam na sociedade no qual está inserida, permanecendo permeada por valores baseados na visão hegemônica heteronormativa da sexualidade evidenciada pela alta existência de homofobia entre seus alunos.

Vislumbrando que, pelos resultados da pesquisa, uma das principais fontes de preconceito é o ‘desconhecer o outro’ por uma ausência de contato e entendimento de que o que é exógeno é sempre ameaçador, sugere-se neste estudo que dentre os planos emergenciais desta universidade haja o fomento de grupos de estudos e pesquisas que possam guiar planos de combate da homofobia na comunidade universitária; ampliar o foco da formação do corpo docente com vistas a sensibilizar estes sujeitos a refletirem sobre suas práticas e a importância do papel de educador enquanto formador de opiniões e atitudes; inserir dentro das diferentes graduações da universidade, currículos e projetos que contemplem a diversidade sexual enquanto um direito humano e uma ferramenta de integralidade do ensino e da atenção à saúde.

Ao analisar a existência de homofobia explícita entre os alunos da UPE e incluso homofobia implícita entre aqueles que afirmaram serem da orientação homossexual, existe a necessidade de criar ações afirmativas no combate à homofobia através de políticas internas voltadas para conscientização da comunidade universitária sobre as práticas homofóbicas, possuir condutas internas que coibam legalmente a ocorrência deste tipo de fenômeno e que fomente a visibilidade da homossexualidade não como sexualidade ‘desviante’, mas como uma sexualidade ‘a mais’ que permeia o amplo espectro das afetividades humanas.

Assim, fica exposto que os objetivos deste estudo foram contemplados na medida em que ao correlacionarmos as variáveis em estudo, evidenciamos que o fenômeno da homofobia dentro da universidade enquanto ato, dependem da presença de algumas variáveis importantes, tais como: idade, sexo, contato íntimo e duradouro, curso e presença de religiosidade. Com estes dados, gestores, professores e alunos possuem informações para a implementação de ações que visem ao respeito dentro das instituições.

## REFERÊNCIAS

- BORGES, Z. N.; MEYER, D. E. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 16, n. 58, p. 59-76, 2008.
- BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autentica editora, 2010.
- CASTILLO, M. N. Q.; RODRIGUEZ, V. B.; TORRES, R. R.; PÉREZ, R. R.; PÉREZ, A. R.; MARTEL, E. C. La medida de la homofobia manifiesta y sutil. **Psicothema**, v. 15, n. 2, p. 197-204, 2003.
- CERQUEIRA-SANTOS, E.; WINTER, F.; SALLES, L.; LONGO, J.; TEODORO, M. Contato interpessoal e crenças sobre homossexualidade: desenvolvimento de uma escala. **Interação em Psicologia**, v. 11, n. 02, p. 221-229, 2007.
- CORNEJO, J. R.. Configuración de la homosexualidad medicalizada en Chile. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, v. 9, p. 110-136, 2011.
- CORREIA, MM.; DEVIDE, FP.; TELLES, SCC.; LUTZ, T.; MURAD, M.; OLIVEIRA, GAS. O discurso da licenciatura em educação física sobre as questões de gênero na formação profissional em educação física. **Salusvita**, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2016.
- FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HEREK, G. M. Religious Orientation and Prejudice: A Comparison of Racial and Sexual Attitudes. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 13, n. 1, p. 34-44, 1987.
- HEREK, G.M. Beyond Homophobia: Thinking About Sexual Prejudice and Stigma in the Twenty-First Century. **Sexuality Research & Social Policy**, v. 1, p. 6-24, 2004.



KLEIN, C.H., BLOCH, K.V. Estudos Seccionais. In: Medrono, R.A. **Epidemiologia**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, p. 193-219, 2009.

LIMA, F.M.; DINIS, N.F. O discurso sobre a homossexualidade na visão de estudantes de educação física. **Perspectiva**, v. 26, n. 2, p. 693-716, 2008.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. Homofobia, Silêncio e Naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. **Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 307-324, 2008.

LOURO, G.L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 8-34, 2007.

MARINHO, C.A., MARQUES, E.F.M., DE ALMEIDA, D.F., DE MENEZES, A.R.B., GUERRA, V. Adaptação da escala de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro. **Paidéia**, v. 14, n. 29, p. 371-379, 2004.

MAURER-STARKS, S., LEMONS, H.L., WHALEN, S.L. Managing Heteronormativity and Homonegativity in Athletic Training: In and Beyond the Classroom. **Journal Athletic Training**, v. 43, n. 3, p. 326-336, 2008.

NANSEL, T. R., OVERPECK, M., PILLA, R. S., RUAN, J., SIMONS-MORTONS, B., SCHEIDT, P. Bullying Behaviors Among US Youth: Prevalence and Association With Psychosocial Adjustment. **JAMA**, v. 285, n. 16, p. 2094-2100, 2001.

NATIVIDADE, M, OLIVEIRA, L. **As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidade LGBT no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2013.

OLIVEIRA, CE., PEREIRA AMF., BORGES BITTENCOURT, NF. Tensões e contradições nos discursos políticos sobre o combate à homofobia no contexto da escola brasileira. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociales, Niñez y Juventud**, v. 14, n. 2, p. 1479-1492, 2016.

PEREIRA, C.R., ROSAS TORRES, A.R., PEREIRA, A., FALCÃO, L.C. Preconceito contra homossexuais e representações sociais da homossexualidade em seminaristas católicos e evangélicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 73-82, 2011.

PETTIGREW, T.F., MEERTENS, R.W. Subtle and blatant prejudice in western Europe. **European Journal of Social Psychology**, v. 25, n. 1, p. 57-75, 1995.

POCAHY, F.A., NARDI, H.C. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 1 p. 45-66, 2007.

PRADO, V.M., ALTMAM, H., RIBEIRO, A.I.M. Condutas naturalizadas na educação física: uma questão de gênero? **Currículo sem fronteiras**, v. 16, n.1, p. 59-77, 2016.

PRADO, V.M.; RIBEIRO, A.I.M. Escola, homossexualidade e homofobia: rememorando experiências na educação física escolar. **Revista Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 97-114, 2016.

SILVA, P., BOTELHO-GOMES, P., GOELLNER, S. V. Educação Física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica. **Revista Brasileira de Educação Física Especial**, v. 22, n. 3, p. 219-233, 2008.

VENTURI G., BOKANY V. Foco na homofobia: a coleta e a análise de dados. In: Venturi G., Bokany V. **Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

VIANNA C., DINIZ, D. Em Foco: homofobia nos livros didáticos, um desafio ao silêncio. **Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 305-306, 2008.

WEEKS J. **Sexuality** (Key Ideas). 3. ed. Londres: Routledge, 2009.